

“Promover a civilização
geral dos portugueses,
difundindo por todas as classes
o gosto do Bello
e desenvolver o génio
daqueles que se aplicam
a tão interessantes estudos.”

[D. MARIA II, 1836]



Belas Artes
DA ACADEMIA
HOJE

MINISTÉRIO DA CULTURA

Belas Artes
DA ACADEMIA
HOJE



ACADEMIA
NACIONAL
DE BELAS ARTES

MUSEU DO DINHEIRO
20 de Março a 28 de Abril de 2019
Lisboa

5. PIETÀ

2019

Escultura em madeira

A representação da *Pietà* é um dos alvos fulcrais de toda a História da Arte, e está no centro de toda a iconografia cristã, existindo obras que tratam este tema de forma absolutamente emblemática, às quais dificilmente se pode fugir, não deixando nunca, mesmo que não se refira, de ser feita a comparação. Tal, aumenta o nível do desafio, da ousadia de retomar um tema tão tratado e tentar instaurar, tentar Criar. É exatamente isso o que faz António Vidigal. Através de uma escultura monumental, representa a maior das tragédias humanas, a Mãe que assiste à morte do próprio Filho, não de uma forma naturalista, mas explorando os limites da depuração, num material, a madeira, que, sobretudo pela forma como é tratada, acrescenta algumas dificuldades, optando pela estereotomia, através da fragmentação e posterior reestruturação da madeira por camadas, depois sobrepostas, retomando pesquisas que o autor produz há já vá-



rias décadas e que já permitiram a criação de peças bem emblemáticas, como o Ícaro.

Em termos iconográficos a obra permite remeter para o corpo de Cristo magnificamente lançado da tábuca do renascentista do florentino Sandro Botticelli - *Lamentação sobre o corpo morto de Cristo com Santos*, a mãe que envolve, que aperta e prende o corpo esvaído do Filho morto, quase como uma mão/tenaz permite a referência da Lamentação de Giotto. Ao analisar esta peça vêm à memória as palavras de Margit Rowell que afirma que «Quando o escultor moderno voltou as costas a todas as práticas convencionais, à sua iconografia, às suas técnicas e aos seus materiais, foi-lhe necessário encontrar um outro quadro de referências para criar formas significantes». Não se concorda e considera-se que, ao contrário do expresso, o verdadeiro escultor da contemporaneidade não tem que voltar as costas a tudo. Efectivamente, para criar não tem que se libertar do «movimento linear da história» e pode aspirar a modelações de uma pureza absoluta, onde não se vislumbra qualquer elemento supérfluo, mas apenas o essencial e o essencial é a Forma.

PAULO J. MORAIS-ALEXANDRE

ANTÓNIO VIDIGAL

Safara [1936]

Diplomou-se em Escultura em 1972 pela ESBAL onde entrou como Assistente em Janeiro de 1973.

É Professor Catedrático da FBAUL e Académico Efectivo da ANBA.

Esteve na origem da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e foi Presidente da primeira Comissão Instaladora dessa Escola. Propôs e esteve na organização das Bienais de Escultura e Desenho e dos Simpósios Internacionais de Escultura em Pedra das Caldas da Rainha.

Está representado no Museu de Alençon (França), Museu Luis de Camões (Macau), Museu Teixeira Lopes (Mirandela) e Museu José Malhoa (Caldas da Rainha) e em colecções particulares em Portugal, Alemanha, USA, Espanha, França, etc. e em diversas colecções institucionais.

Tem Monumentos e esculturas públicas em diversas localidades de Portugal, Angola e Macau.

Expôs individualmente: 1991 Gal. ARA (Lisboa), 1993 Gal. Municipal (Caldas da Rainha), 1994 Gal. Pousão (Porto), 1995 Gal. Municipal (Bragança), C. Cultural (Nazaré) e B. Flat (Matosinhos), 1999 Gal. ARA (Lisboa), 2000 inaugura a Gal. Municipal de Moura, 2001 Gal. EDIA (Beja), 2002 Gal. Verney (Oeiras), 2012 Exp. Antológica, CCC (Caldas da Rainha).

